

EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

CICLO DE VIDA PROFISSIONAL DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE

Maria Eneida da Silva

UEG

eneida.silva@ueg.br

Resumo

Apresentamos o recorte de uma investigação finalizada em 2022 que objetivou compreender os elementos e marcas que constituíam o ciclo de vida profissional dos docentes de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás-UEG. Para tanto, fora enviado um questionário misto no *Google Forms* aos 116 professores efetivos dos 17 cursos de Pedagogia da UEG. Esse recorte, delimitado ao Campus Luziânia, com análise do eixo “Fases de vivência na carreira” do questionário tem como problema: em que etapas da vida profissional podem estar os docentes de Pedagogia do Campus Luziânia da UEG? Partimos da compreensão de Huberman (2000) para quem a vida profissional docente possui algumas tendências gerais delimitadas em fases que se agrupam pelo tempo cronológico da carreira e por outras determinações pessoais e coletivas. A partir então, entendemos que a profissionalização e a profissionalidade docente são categorias teóricas imbricadas no desenvolvimento profissional docente – DPD que, para Duarte e Santos (2017), na Educação Superior, tem investimentos na formação pedagógica antes ou depois do início da docência. Isso pode exprimir a dialética da formação e do trabalho docente, mas sem a delimitação individual, pois envolve questões coletivas, profissionais, institucionais, socioeconômicas e políticas. Destarte, entendemos trabalho como categoria ontológica e trabalho docente, ato educativo de quem ensina e aprende. Oliveira (2010) defende que o trabalho docente se realiza com a intenção de educar, mas não pode ser limitado por elementos como a formação específica e o estatuto profissional, pois está intimamente ligado a atividades e relações que extrapolam a sala de aula. As condições desse trabalho incluem, segundo Oliveira e Assunção (2010): i) o processo de trabalho e as condições de emprego; e ii) a inserção social dos trabalhadores. Além disso, o trabalho docente pode gerar satisfação ou insatisfação, elementos imbricados no processo de profissionalização, considerando o sucateamento da universidade pública. A partir de tais

conhecimentos e com o objetivo de compreender as etapas da vida profissional em que estavam os docentes de Pedagogia do Campus Luziânia da UEG, foram analisadas as questões 16 “Qual é o nível de satisfação profissional nesse momento da carreira?” com escala de 1 (totalmente insatisfeito) a 5 (muito satisfeito); e 17 “Qual descrição, a seguir, mais se aproxima do modo como se sente atualmente na carreira?” com 7 opções (Huberman, 2000), além do campo “outro” para livre expressão. Dos 7 docentes do campus, cinco responderam, sendo que à questão 16, o docente A, com 9 anos de carreira na UEG e 25 na Educação Superior, optou pelo índice 4 que demonstra satisfação profissional. Ao descrever como se sentia na carreira, escolheu *“Estabilizado, vivenciando sentimentos de comprometimento definitivo com a docência e, ainda, assumindo responsabilidades”*. Tanto uma resposta quanto a outra traduzem a fase da estabilização que, embora aconteça dos 4 aos 6 anos de carreira, pode se estender por um período de 8 a 10 anos (Huberman, 2000). O docente B, 4 anos de carreira na UEG e igual período na Educação Superior, disse estar “totalmente insatisfeito” e se descreveu *“Preocupado angustiado, com medo, sentindo-se solitário. Percebo a fragmentação do trabalho [...]”*. Inferimos que o docente se encontra na fase de entrada na carreira, 3 primeiros anos da profissão (Huberman, 2000), com sentimentos de sobrevivência e descoberta, e fragmentação do trabalho. A docente C, 4 anos de carreira na UEG e entre 5 e 10 anos em universidade, escolheu um nível mediano de satisfação e escreveu: *“Desanimada com a situação atual do país, com falta de incentivo aos pesquisadores. Preocupada com a formação dos professores que atuam nas licenciaturas, pois sem incentivo poucos investirão na área, [...] falta de valorização profissional, que faz com que muitos desistam da carreira docente”*. Embora no início da carreira na UEG (mas não na Educação Superior e talvez isso justifique o sentimento), a docente se enquadra no perfil-tipo de questionamento, desencanto com os fracassos das reformas estruturais, pensando em seguir outras carreiras. O docente D apontou satisfação com a carreira e *“Estabilizado, vivenciando sentimentos de comprometimento definitivo com a docência e, ainda, assumindo responsabilidades”*. Apesar de ter 5 anos de carreira na UEG e na Educação Superior, apresenta a mesma fase da carreira que o docente A com 9 anos de carreira e mais de 25 de docência universitária. Huberman (2000) esclarece que essas fases precisam ser compreendidas como trajetórias construídas cotidianamente pelas vivências individuais e coletivas, experiências interiores e simbólicas, situações em que

o sujeito recebe influências e influencia seus pares. O docente E, com 20 anos de carreira na UEG e o mesmo período na Educação Superior, indicou satisfação e “*Em um estado de questionamento, com dúvidas quanto à carreira e quanto à profissão*”. Há paradoxo entre estas respostas, revelando “[...] não haver uma consciência muito clara do tipo de diversificação nem do que é que está a ser posto em questão” (Huberman, 2000, p. 42). É o momento em que se faz um balanço da vida profissional, com tendências a questionar mais as condições de trabalho. Apesar da baixa remuneração, da falta de perspectiva de ascensão na carreira e de condições de trabalho, esses docentes escolheram se comprometer e assumir responsabilidades. Contudo, percebe-se a permanência em processo de abandono que se traduz: i) na ruptura profissional entendida como um “[...] corte com a profissão, traduzido no abandono, ou ainda, no desejo veemente de tal realizar, mesmo que não concretizado, por razões diversas, designadamente a falta de uma alternativa profissional” (Gonçalves, 2000, p. 159); ii) nos sintomas da Síndrome de Burnout porque continuam trabalhando, mas em desistência da carreira. Contraditoriamente, procuram estabilizar-se pela constituição da identidade docente; pertencimento à categoria profissional; confiança e segurança; e consolidação pedagógica (Cavaco, 1999; Chakur, 2005; Gonçalves, 2000; Huberman, 2000).

Destarte, percebemos sentimentos controversos, um misto de responsabilidade e de preocupação por não ter apoio da universidade. Os docentes estão expostos a um processo de intensificação do trabalho, precarização da profissão, aliado às questões administrativas e pedagógicas que perpassam as escolhas das respostas do questionário e a exposição livre de uma das docentes. Por tais escolhas, depreendemos a existência do par dialético desistência/resistência que caracteriza momentos de prazer com a profissão e momentos de frustração. Não é desistência por exoneração, mas um processo de desencantamento, mesmo que inconsciente; é um sentimento que gera conflitos de ordem identitária e expõem o docente a desequilíbrios que podem provocar o abando temporário, ou permanente, e o adoecimento.

Palavras-chave: ciclo de vida profissional docente; desenvolvimento profissional docente; ensino superior

Referências



CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto, PT: Porto Editora, 1999. p. 155-91.

CHAKUR, C. R. O desenvolvimento profissional de professores das séries iniciais do ensino fundamental. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 397- 407, 2005.

DUARTE, M. R. T.; SANTOS, M. R. S. Sistema Nacional de Educação e Planejamento no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 71, 2017.

GONÇALVES, José Alberto. A carreira das professoras do ensino primário. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p. 31-61.

OLIVEIRA, D. A. Trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. CDROM.

OLIVEIRA, D. A.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.